

RELÓGIO D'ÁGUA

**NÃO DIGAM QUE
NÃO TEMOS NADA**

**MADELEINE
THIEN**



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 2016, Madeleine Thien
All rights reserved

Título: Não Digam que não Temos Nada
Título original: *Do Not Say We Have Nothing* (2016)
Autora: Madeleine Thien
Tradução: Ana Falcão Bastos
Revisão de texto: Joana Nunes
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, abril de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Agradecemos o apoio que o Canada Council for the Arts
concedeu para esta tradução.



Canada Council Conseil des arts
for the Arts du Canada

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-719-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 424935/17

Madeleine Thien

Não Digam que não Temos Nada

Tradução de
Ana Falcão Bastos

Ficções

Para a minha mãe, para o meu pai e para Katherine e Rawi

PARTE UM

Há milhares de maneiras de viver. Quantas conhecemos nós os dois?

— ZANG WEI, *The Ancient Ship*

De todas as cenas que cobriam as paredes das grutas, as mais ricas e mais imbricadas eram as do paraíso.

— COLIN THUBRON, *A Sombra da Rota da Seda*

1

Num único ano, o meu pai deixou-nos duas vezes. A primeira, para desfazer o casamento, e a segunda para pôr termo à vida. Nesse ano de 1989, a minha mãe voou para Hong Kong e sepultou-o num cemitério perto da fronteira chinesa. A seguir, perturbada, apressou-se a regressar a casa, em Vancouver, onde eu, com dez anos na altura, tinha ficado sozinha.

Eis aquilo de que me recordo:

O meu pai tem um rosto atraente, intemporal; é um homem gentil, mas melancólico. Usa óculos sem aros, e as lentes dão a impressão de ser uma cortina finíssima a pairar mesmo à sua frente. Tem apenas trinta e nove anos, e os seus olhos, castanho-escuros, são circunspectos e inseguros. O meu pai chamava-se Jiang Kai, e nasceu numa pequena aldeia próximo de Changsha. Mais tarde, quando soube que tinha sido um pianista famoso na China, pensei na maneira como os seus dedos matraqueavam na mesa da cozinha, como tamborilavam nos tampos dos armários e ao longo dos braços macios da minha mãe até chegarem aos dedos, o que a punha louca e me provocava acessos de regozijo. Foi ele que me deu o meu nome chinês, Jiang Li-ling, e outro inglês, Marie Jiang. Quando morreu, eu ainda era criança, e as poucas recordações que possuía, embora ínfimas e imprecisas, eram tudo que me restava dele. Nunca as deixei desvanecerem-se.

Quando eu andava pelos vinte anos, no período difícil depois de os meus pais terem morrido, dediquei-me de alma e coração aos números — observação, conjectura, lógica e prova, as ferramentas de que nós, os matemáticos, dispomos, não só para interpretar, mas simplesmente para descrever o mundo. Durante a última década, fui professora na Universidade Simon Fraser no Canadá. Os números permitiram-me mover-me entre o inimaginavelmente grande e o magnificamente pequeno e

também viver longe dos meus pais, dos seus problemas e dos seus sonhos não concretizados e, como na altura pensava, dos meus.

Há uns anos, em 2010, enquanto passeava na Chinatown de Vancouver, passei por uma loja que vendia DVD. Lembro-me de que chovia a cântaros e os passeios estavam vazios. Dois enormes altifalantes no exterior da loja transmitiam música clássica. Conhecia a peça, a *Sonata n.º 4 para Piano e Violino* de Bach e senti-me atraída para ela, com tanta intensidade como se alguém me estivesse a puxar pela mão. O contraponto, associando compositor, músicos e mesmo silêncio, a música, com as suas espirais de vagas de dor e de arrebatamento, era tudo de que me recordava.

Estonteada, apoiei-me ao vidro da montra.

E, de súbito, estava no carro com o meu pai. Ouvia a chuva chapinhar nos pneus e o meu pai a entoar a melodia. Ele era tão vivo, tão amado, que a dor provocada pelo que havia de incompreensível no seu suicídio me invadiu de novo. Nessa altura, o meu pai tinha morrido havia duas décadas, eu tinha trinta e um anos e não voltara a ser assaltada por uma recordação tão nítida dele.

Entreí na loja. O pianista, Glenn Gould, aparecia numa televisão de ecrã plano: ele e Yehudi Menuhin executavam a sonata de Bach que eu reconhecera. Lá estava Glenn Gould, vestido com um fato preto, curvado sobre o piano a ouvir motivos muito além do alcance do que a maioria de nós consegue perceber; para mim, ele era uma figura... profundamente familiar, como uma língua, um mundo, que esquecera.

Em 1989, a vida tinha-se tornado um conjunto de rotinas necessárias para a minha mãe e para mim: trabalho e escola, televisão, refeições, sono. A primeira partida do meu pai coincidiu com o período em que acontecimentos importantes tiveram lugar na China, acontecimentos esses que a minha mãe via obsessivamente na CNN. Perguntei-lhe quem eram aqueles manifestantes e ela disse que eram estudantes e pessoas comuns. Perguntei-lhe se o meu pai estava lá e ela respondeu: «Não, aquilo é a Praça Tiananmen em Pequim.» As manifestações, que reuniram nas ruas mais de um milhão de cidadãos chineses, haviam começado em abril, quando o meu pai ainda vivia connosco, e continuaram depois de ele ter partido para Hong Kong e desaparecido. Depois, em 4 de junho, e nos dias e semanas que se seguiram ao massacre, a minha mãe chorava. Fiquei a vê-la assim, noite após noite. O Ba abandonara a China em 1978 e estava proibido de regressar ao país. Mas a minha incompreensão ligava-se às coisas que via: aquelas imagens caóticas, assustadoras, de pessoas e tanques, e a minha mãe à frente do ecrã.

Nesse verão, como num sonho, continuei a ter as aulas de Caligrafia no centro cultural mais próximo, usando pincel e tinta para copiar linha após linha de poesia chinesa. Mas eram poucas as palavras que reconhecia — grande, pequeno, rapariga, lua, céu (大, 小, 女, 月, 天). O meu pai falava mandarim e a minha mãe cantonês, mas eu só era fluente em inglês. A princípio, o puzzle da língua chinesa tinha-me parecido um jogo, um prazer, mas a minha incapacidade para a compreender começou a incomodar-me. Repetidamente, escrevia caracteres que não sabia ler, tornando-os cada vez maiores até o excesso de tinta empapar e rasgar o papel fino. Eu não queria saber. Deixei de ir às aulas.

Em outubro, dois polícias apareceram à porta da nossa casa. Informaram a minha mãe de que o Ba tinha morrido e que o gabinete forense de Hong Kong se ocuparia do processo. Disseram que a morte do Ba fora suicídio. A partir daí, o silêncio (*qù*) tornou-se outra pessoa a viver na nossa casa. Dormia no roupeiro com as camisas, as calças e os sapatos do meu pai, zelava pelas partituras de Beethoven, Prokofiev, e Chostakovitch, pelos seus chapéus, cadeirão e chávena especial. O silêncio (閤) penetrava nas nossas mentes e encapelava-se como um oceano dentro da minha mãe e de mim. Nesse inverno, Vancouver esteve ainda mais cinzenta a húmida do que o habitual, como se a chuva fosse uma camisola grossa que não conseguíamos despir. Eu adormecia certa de que, de manhã, o Ba me acordaria como sempre havia feito, com a voz a puxar-me para fora do sono, até esta ilusão agravar a perda, e a dor se tornar mais intensa do que antes.

As semanas foram passando lentamente, e 1989 deu lugar a 1990. A Ma e eu jantávamos no sofá todas as noites porque não havia espaço na mesa de jantar. Os documentos oficiais do meu pai — certificado de diversos tipos, declarações de impostos — já estavam organizados, mas as pontas soltas subsistiam. Quando a Ma passou revista ao apartamento mais a fundo, apareceram outros papéis, pautas de música, umas quantas cartas que o meu pai tinha escrito mas nunca enviara («Pardal, não sei se irás receber esta carta, mas...») e ainda mais cadernos. Ao ver aumentar o número desses artigos, eu imaginava que a minha mãe acreditava que o Ba iria reencarnar sob a forma de um pedaço de papel. Ou talvez ela acreditasse, como os antigos, que as palavras escritas em papel eram talismãs que podiam, de algum modo, proteger-nos do mal.

Na maior parte das noites, a Ma sentava-se entre eles, antes de despir a roupa que levava para o escritório.

Eu tentava não a incomodar. Ficava na sala contígua a ouvir o som quase inaudível do virar das folhas.

O *qù* da respiração dela.

A chuva a explodir e a dividir-se pela vidraça abaixo.

Estávamos suspensas no tempo.

Incessantemente, o elétrico n.º 29 passava a chocalhar.

Fantasiava conversas. Tentava imaginar o Ba renascido no mundo das profundezas, a comprar outro caderno, a usar uma moeda diferente e a enfiar os trocos no bolso de um casaco novo, um casaco muito leve, feito de penas, ou talvez uma capa de lã de camelo, um agasalho suficientemente resistente para o paraíso e para o mundo das profundezas.

Entretanto, a minha mãe distraía-se tentando encontrar a família do meu pai, onde quer que estivesse, para lhes dizer que o filho, o irmão ou o tio que há tanto tempo haviam perdido já não fazia parte deste mundo. Começou a procurar o pai adotivo do Ba, um homem que em tempos tinha vivido em Xangai e que era conhecido por «o Professor». Era o único familiar que o meu pai mencionara. A busca de informação era lenta e trabalhosa, pois nesse tempo não havia correio eletrónico nem Internet, e era fácil a Ma enviar uma carta, mas difícil obter uma resposta autêntica. O meu pai tinha saído havia muito da China e o Professor devia ser velhíssimo, se ainda estivesse vivo.

A Pequim que víamos na televisão, com necrotérios e famílias chorosas, com tanques estacionados nos cruzamentos, erçados de armas, era um mundo distante da Pequim que o meu pai conhecera. Embora, penso eu por vezes, não tão distante quanto isso.

Foi uns meses mais tarde, em março de 1990, que a minha mãe me mostrou o Livro de Registos. Nessa noite, a Ma estava sentada no lugar habitual, à mesa de jantar, a ler. O caderno que tinha na mão era alto e estreito, com as dimensões de uma porta em miniatura. Tinha uma capa solta de fio de algodão cor de avelã.

Já passava muito da minha hora de ir para a cama quando de súbito a Ma reparou em mim.

— Que se passa contigo? — exclamou. — E, em seguida, confusa com a pergunta que fizera: — Já acabaste os trabalhos de casa? Que horas são?

Eu tinha-os acabado há séculos e estivera a ver um filme de terror sem som. Ainda me lembro: um homem acabara de ser morto com um picador de gelo.

— É meia-noite — respondi, ainda impressionada porque o homem era mole como massa de pão.

A minha mãe estendeu uma mão, e aproximei-me. Rodeou-me a cintura com um braço apertando-me.

— Queres ver o que estou a ler?

Curvei-me sobre o caderno e fitei os aglomerados de palavras. Caracteres chineses pela página abaixo como pegadas de animais na neve.

— É uma história — disse a Ma.

— Que género de história?

— Acho que é um romance. Há um aventureiro chamado Da-wei que parte de barco para a América e uma heroína chamada Quatro de Maio que atravessa a pé o deserto de Gobi...

Olhei com mais atenção mas as palavras continuavam ilegíveis.

— Houve uma época em que as pessoas copiavam livros inteiros à mão — explicou a Ma. — Os russos chamavam a isso *samizdat*, os chineses chamavam-lhe... enfim, creio que não tínhamos um nome. Olha como este caderno está sujo, até tem bocados de erva colados. Sabe-se lá quantas pessoas andaram com ele de um lado para o outro. É décadas mais velho do que tu, Li-ling.

O que não o era?, perguntei-me. Quis saber se aquele caderno tinha sido copiado pelo Ba.

A minha mãe abanou a cabeça. Disse que os caracteres eram lindos, obra de um calígrafo requintado, enquanto a escrita do meu pai era apenas sofrível.

— Este caderno é um capítulo de qualquer obra mais longa. Número 17, diz aqui. Não diz quem é o autor, mas olha, tem um título, o Livro de Registos.

Poisou o caderno. Em cima da mesa de jantar, os papéis do meu pai assemelhavam-se a ondas com cristas de espuma, a avançarem, prestes a encapelarem-se e a rebentarem no tapete. Toda a nossa correspondência também estava ali. Desde o Ano Novo que a Ma tinha começado a receber cartas de Pequim, condolências de músicos da Filarmónica Central que só recentemente tinham sabido da morte do meu pai. A Ma lia essas cartas com um dicionário à mão porque elas eram escritas em chinês simplificado, que ela nunca tinha aprendido. Educada em Hong Kong, tinha estudado a escrita chinesa tradicional. Mas na década de 1950, no continente, uma escrita nova e mais simples fora adotada na China comunista. Milhares de palavras haviam mudado; por exemplo, «escrever» (*xiě*) passou de 寫 para 写, e «saber» (*shí*) de 識 para 识. Mesmo «Partido Comunista» (*gòng chǎn dǎng*) deixou de ser 共產黨 para se tornar 共产党. Por vezes a Ma conseguia ver a antiga forma da palavra, outras vezes tentava adivinhar os significados. Dizia que

aquilo era como ler uma carta vinda do futuro ou falar com alguém que lhe tivesse virado as costas. Tudo isto se tornava ainda mais complicado devido ao facto de ela já raramente ler em chinês e exprimir a maioria dos seus pensamentos em inglês. Não gostava que eu falasse cantonês, porque, como ela dizia: «A tua pronúncia é completamente distorcida.»

— Está frio aqui — disse eu num murmúrio. — Vamos vestir o pijama e meter-nos na cama.

A Ma fitou o caderno, quase sem me ouvir.

— A mãe vai estar cansada de manhã — insisti. — A mãe vai carregar no botão de *snooze* vinte vezes.

Ela sorria, mas os olhos por baixo dos óculos cerravam-se, a fixar qualquer coisa.

— Vai para a cama — dizia ela. — Não esperes pela mãe.

Dei-lhe um beijo na face macia.

— O que disse o budista ao homem das pizzas?

— O que foi?

— Faz-me uma com tudo¹.

Eu ri, suspirei, tornei a rir; depois senti um arrepio, a pensar nas vítimas que apareciam na televisão, na sua pele baça. A sorrir ela empurrou-me com firmeza para fora dali.

Deitada na cama, ponderei em diversos factos.

Em primeiro lugar, pensei que, quando frequentava o quinto ano, era uma pessoa completamente diferente. Tinha tão bom feitio, adaptava-me com tanta facilidade e obtinha resultados tão bons que me perguntava se o meu corpo e a minha alma estariam a separar-se.

Em segundo lugar, que, em países mais pobres, pessoas como a Ma e eu não estaríamos tão sós. Na televisão, os países pobres eram lugares apinhados, elevadores com excesso de carga a tentar chegar ao céu. Numa cama dormiam seis pessoas, numa sala havia uma dúzia delas. Aí podíamos sempre dizer o que pensávamos em voz alta, com a certeza de que alguém nos ouviria mesmo que não quisesse. Na realidade, a maneira de castigar um indivíduo podia ser retirá-lo do seu círculo de família e de amigos, isolá-lo num país frio e destroçá-lo com solidão.

Em terceiro lugar, e isto não era um facto, mas uma pergunta: Porque tinha o nosso amor significado tão pouco para o Ba?

Devo ter adormecido, pois acordei abruptamente e vi a Ma curvada sobre mim, a enxugar-me o rosto com a ponta dos dedos. Eu nunca chorava de dia, só à noite.

— Não sejas assim, Li-ling — dizia ela. Estava a murmurar uma quantidade de coisas. Dizia: — Se estás fechada num quarto e ninguém te vai salvar, o que podes fazer? Tens de bater nas paredes e de partir os vidros das janelas. Tens de sair sem ajuda. É óbvio, Li-ling, que chorar não ajuda uma pessoa a viver.

— O meu nome é Marie — gritei. — Marie.

Ela sorriu.

— Quem és tu?

— Sou a Li-ling!

— És a Menina.

Ela usava o nome carinhoso com que o meu pai me tratava, porque a palavra 女 significava menina e filha. Ele gostava de dizer a brincar que, no sítio de onde era, os pobres não se davam ao trabalho de dar nomes às filhas. A Ma batia-lhe no ombro e dizia, em cantonês:

— Não lhe enchas a cabeça como se fosse um caixote do lixo.

Protegida nos braços dela, enrosquei-me mais uma vez para cair no sono.

Mais tarde, acordei ao som da Ma a balbuciar pensamentos de enfiada e a casquinar. Aquelas manhãs de inverno eram muito escuras, mas o seu riso inesperado atravessava o quarto como o zumbido do aquecedor elétrico. A sua pele tinha a fragrância de almofadas lavadas, do creme de *osmanthus* que usava.

Quando murmurei o nome dela, resmungou:

— Heh. — E logo a seguir: — Heh heh.

— Estás a caminhar em terra ou no mar? — perguntei-lhe.

— *Ele está aqui* — respondeu, distintamente.

— Quem?

Tentei ver na escuridão do quarto. Estava mesmo convencida de que ele estava ali.

— O pai adotivo. Aquele... mmmm. Aquele... *Professor*.

Apertei-lhe bem os dedos. Do outro lado das cortinas, o céu mudava de cor. Queria segui-la até ao passado do meu pai, embora não acreditasse nisso. As pessoas podiam caminhar na direção de ilusões, podiam ver qualquer coisa tão sedutora que nem se lembravam de voltar para trás. Eu receava que, tal como o meu pai, ela se esquecesse das razões para regressar a casa.

A vida no exterior — o começo de um novo ano letivo, a regularidade dos testes, os prazeres do acampamento de matemática — prosseguia como se nunca fosse acabar, impulsionada pelo mundo circular das es-

tações. Os casacos de verão e de inverno do meu pai ainda aguardavam ao lado da porta, por baixo dos chapéus dele e acima dos seus sapatos.

No princípio de dezembro, chegou um envelope grosso de Xangai e a Ma tornou a sentar-se com o seu dicionário. Este é de pequeno formato, extremamente grosso e cartonado, com uma capa verde e branca. As folhas, quando as viro, são diáfanas e parecem não pesar. Aqui e ali, encontro marcas de gordura e um aro de café, da chávena da minha mãe ou talvez da minha. Cada palavra é apresentada por baixo da sua raiz, também conhecida como radical. Por exemplo, 門 significa portão, mas também é um radical, ou seja, o tijolo para construir outras palavras e conceitos. Se a luz ou o Sol 日 brilham através do portão, temos espaço 間. Se houver um cavalo 馬 no interior do portão, isto é uma emboscada 闖, e se houver uma boca 口 no interior do portão, temos uma pergunta 問. Se houver um olho 目 e um cão 犬 no interior, temos silêncio 闕.

A carta de Xangai tinha trinta páginas e estava escrita com uma caligrafia tremida; decorridos alguns minutos, cansei-me de estar a ver a minha mãe a tentar decifrá-la. Fui para a sala da frente olhar para os vizinhos. Do outro lado do pátio, avistei uma árvore de Natal lastimosa. Parecia que alguém tinha tentado estrangulá-la com as fitas decorativas.

A chuva caía em fortes bátegas e o vento assobiava. Levei à minha mãe um copo de licor de ovo.

— É uma carta boa?

A Ma poisou as folhas. Tinha as pálpebras inchadas.

— Não é o que eu esperava.

Passei os dedos pelo envelope e comecei a decifrar o nome do remetente. Fiquei surpreendida.

— Uma mulher? — perguntei de súbito assustada.

A minha mãe fez um aceno de assentimento e disse, tirando-me o envelope e enfiando-o debaixo de uns papéis:

— Ela faz um pedido.

Aproximei-me como se a Ma fosse uma jarra prestes a escorregar da mesa, mas os seus olhos intumescidos transmitiam uma emoção inesperada. Alívio? Ou talvez, para minha surpresa, alegria.

— Ela pede um favor.

— Lês-me a carta?

A Ma apertou a cana do nariz com os dedos.

— É muito comprida. Ela diz que não vê o teu pai há anos. Mas que em tempos eram como família. — Hesitou na palavra *família*. — Diz que o marido foi o professor de Composição do teu pai no Conservatório de Música de Xangai. Mas perderam o contacto. Durante os anos difíceis.

— Que anos difíceis?

Comecei a suspeitar de que qualquer favor iria envolver dólares americanos ou um frigorífico novo e receei que fossem aproveitar-se da Ma.

— Antes de tu nasceres. Nos anos 60. Quando o teu pai era estudante de música. — A Ma baixou os olhos com uma expressão indecifrável. — Ela diz que o teu pai entrou em contacto com eles no ano passado. O Ba escreveu-lhe de Hong Kong uns dias antes de morrer.

Ocorreu-me uma série de perguntas. Sabia que não devia importuná-la, mas, uma vez que tudo o que queria era entender, acabei por perguntar:

— Quem é ela? Como se chama?

— O apelido dela é Deng.

— Mas qual é o nome próprio?

A Ma abriu a boca, mas não saíram palavras. Finalmente, olhou-me nos olhos e respondeu:

— O nome próprio é Li-ling.

Tinha o mesmo nome que eu, só que fora escrito em chinês simplificado. Estendi a mão para pegar na carta. A Ma colocou a mão com firmeza sobre a minha. Antecipando a minha pergunta seguinte, precipitou-se:

— Essas trinta páginas são sobre o presente, e não o passado. A filha de Deng Li-ling chegou a Toronto, mas não pode usar o passaporte. Não tem para onde ir e precisa da nossa ajuda. A filha dela... — Com destreza, enfiou a carta no envelope. — A filha dela vem viver connosco durante algum tempo. Estás a perceber? Esta carta tem que ver com o presente.

Senti-me inclinada para o lado e de cabeça para baixo. Porque havia uma desconhecida de vir viver connosco?

— A filha chama-se Ai-ming — disse a Ma, tentando fazer-me voltar ao normal. — Vou telefonar-lhe agora e combinar a vinda dela.

— Temos a mesma idade?

A minha mãe pareceu desorientada.

— Não, ela deve ter pelo menos dezanove anos, é estudante. Deng Li-ling diz que a filha... diz que essa Ai-ming se meteu em sarilhos em Pequim durante as manifestações da Praça Tiananmen. E fugiu.

— Que género de sarilhos?

— Basta! Isto é tudo o que precisas de saber.

— Não! Preciso de saber mais.

Exasperada, a Ma fechou o dicionário com força.

— Quem te educou? És nova de mais para seres tão metedicha.

- Mas...
- Basta!

A Ma ficou à espera até eu estar na cama para fazer a chamada. Falou na sua língua materna, o cantonês, com breves inserções em mandarim e, mesmo através da porta fechada, eu ouvia como ela hesitava nas entoações com que nunca estivera familiarizada.

— Faz muito frio aí onde estás? — ouvi-a perguntar. E a seguir: — O bilhete da *Greyhound* vai estar à tua espera em...

Tirei os óculos e espreitei pelo vidro da janela embaciado. A chuva era como neve. A voz da Ma parecia-me a de uma desconhecida.

Após um silêncio prolongado, voltei a encavalitar os óculos nas orelhas, desci da cama e saí do quarto. A Ma tinha uma caneta na mão e uma pilha de contas diante dela, como se estivesse à espera de um ditado. Viu-me e perguntou:

- Onde estão os teus chinelos?

Respondi que não sabia.

A Ma explodiu:

— Vai para a cama, Menina! Não consegues perceber? Só preciso de um pouco de sossego. Nunca me deixas em paz, estás sempre a observar-me como se pensasses que eu vou... — Bateu com a caneta na mesa. Uma peça saltou e rolou pelo chão. — Pensas que te vou deixar? Achas que sou tão egoísta como ele? Que alguma vez era capaz de te abandonar e de te magoar como ele fez? Seguiu-se uma explosão prolongada e violenta em cantonês, e depois: — Agora vai para a cama!

Ali sentada, com o seu dicionário velho e pesado, parecia muito velha e frágil.

Corri para a casa de banho, bati com a porta, abri-a, bati-a com mais força, e desatei a chorar. Pus a água a correr para a banheira, dando-me conta de que aquilo que de facto queria era ir para a cama. Os soluços do choro deram lugar a soluços espasmódicos e, quando estes finalmente pararam, tudo o que ouvi foi água a cair a jorros. Empoleirada na beira da banheira, fiquei a ver os meus pés distorcidos sob a superfície. As minhas pernas pálidas dobraram-se quando submergi.

A recordação fez o Ba regressar até mim. Introduziu uma cassete no gravador, disse-me que fechasse as janelas e seguimos pela Main Street e ao longo do Great Northern Way, a ouvir o *Concerto «Imperador»* de Beethoven, com o som muito alto, interpretado por Glenn Gould e com Leopold Stokowski a dirigir. Uma cascata de notas descia e subia até ao infinito e o meu pai dirigia a orquestra com a mão direita enquanto con-

duzia com a esquerda. Ouvi-o entoar a música, melódico e percussivo DA! DA-di-di-di DA!



Da, da, da! Tive a sensação de que, durante o nosso desfile triunfal através de Vancouver, o primeiro movimento estava a ser criado, não por Beethoven, mas pelo meu pai. A mão dele movia-se ao ritmo de um compasso quaternário, com a vibração do momento de suspense entre a quarta e a primeira batida,



e perguntei-me o que poderia significar um homem que em tempos fora famoso, que tocara em Pequim diante do próprio Mao Tsé-Tung, nem sequer ter um piano em sua casa. Porque tinha de ganhar a vida a trabalhar numa loja? Na realidade, embora eu suplicasse para ter lições de piano, o meu pai recusava sempre. No entanto, ali íamos nós, a atravessar a cidade, envolvidos por aquela música vitoriosa, de modo que o passado, o do meu pai e o de Beethoven, não estava morto, mas apenas reverberava por baixo do para-brisas, depois guia-se e cobria-nos como o Sol.

O Buick já não existia. A Ma tinha-o vendido. Ela sempre fora a mais dura, como o cato na sala de estar, a única planta da casa a sobreviver à partida do Ba. Para viver, o meu pai precisara de mais. A água do banho cobria-me. Envergonhada com o desperdício, fechei a torneira. Uma vez o meu pai dissera que a música era cheia de silêncios. Não deixara nada para mim, nem uma carta, nem uma mensagem. Nem uma palavra.

A Ma bateu à porta.

— Marie. — Rodou o puxador, mas a porta estava fechada à chave.
— Li-ling, estás bem?

Decorreu um longo momento.

A verdade é que eu tinha amado mais o meu pai. Tive essa percepção ao mesmo tempo que me dei conta, sem sombra de dúvida, de que ele devia ter sofrido muito, e de que a minha mãe nunca na vida me abandonaria. Também ela o tinha amado. A chorar, poisei as mãos na superfície da água.

— Só estava a precisar de tomar um banho.

— Ah — foi a resposta dela. Era como se a sua voz ecoasse dentro da própria banheira. — Não apanhes frio aí.

Tentou de novo abrir a porta, mas esta continuava fechada.

— Tudo se há de resolver connosco — disse ela por fim.

Acima de tudo, eu queria que acordássemos ambas daquele sonho. Mas em vez disso, a sentir-me impotente, lavei as lágrimas e fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei.

Ouvi o som abafado das suas chinelas diminuir enquanto ela se afastava.